

Veze e voz às crianças!



Tarja utilizada no site do Nahum de novembro 2020 a setembro de 2023, ilustrada por crianças de diversas escolas.

EDITORIAL

BASTA! NÃO ÀS PLATAFORMAS DIGITAIS OFICIAIS

Por *Vanilda Gonçalves de Lima*

As trocas verbais escritas nos tempos digitais são intensamente promovidas pelo uso dos mais diversos gêneros de enunciados e dispositivos digitais e tecnológicos como computadores, aplicativos de celulares e os tabletes. Esse conjunto todo, bem articulado, contribui para a apropriação e melhoramento do processo de ensino e de aprendizagem da cultura escrita.

A utilização, pelos professores, dos conhecimentos científicos e tecnológicos como recursos pedagógicos pode propiciar o protagonismo das crianças e adolescentes no processo de apropriação e objetivação de atos da cultura escrita em sala de aula, apesar da desconfiança que cerca o uso dos recursos tecnológicos, mesmo depois da necessidade de seu uso nos tempos da pandemia de Covid-19.

Não cabe mais, às escolas, práticas arcaicas e alienantes de leitura e escrita praticadas na sociedade antiga, porque vivemos no século XXI, em uma sociedade letrada, científica e tecnológica. Ensina-se para as crianças, a linguagem de seu tempo, com os instrumentos de seu tempo, para os leitores de seu tempo histórico.

Os usos dos recursos científicos e tecnológicos pelos professores, como instrumentos didático-pedagógicos, evitam a exclusão dos que

não ouvem bem, dos que não dominam todos os movimento dos dedos, dos que têm baixa capacidade de visão, dos que têm modos diferentes de pensar. Esta não-exclusão somente pode ser praticada com o uso das tecnologias teoricamente bem fundamentadas em práticas de ensino e aprendizagem dos atos de escrita, ou seja, nos registros das produções de diferentes gêneros de enunciados e trocas por meio de escritas reais, com sentido. Nada a ver, e muito longe do uso de plataformas digitais, como as desenvolvidas por empresas de tecnologias e compradas a peso de ouro por Secretarias Estaduais de Educação, as quais tornam as crianças robôs mentais sustentados por ossos revestidos de carne humana.

As boas práticas pedagógicas favorecem a aproximação da criança e do adolescente à sua própria realidade, à sua cultura escrita, tornando-os protagonistas dos atos de leitura e de escrita de acordo com as reais necessidades de produção e interlocução com o Outro, no processo de formarem-se como autores de diferentes escritos reais e responsivos.

Na presente edição do Boletim, o leitor encontrará enunciados teóricos e práticos que evidenciam a utilização pedagógica humanizadora dos recursos tecnológicos nos atos de escrita.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS HUMANIZADORAS: ENSINO E APRENDIZAGEM DE ATOS DE ESCREVER NÃO-ALIENADOS

Por Érika Christina Kohle e Vanilda Gonçalves de Lima

Ao dialogarmos sobre os processos de ensino e de aprendizagem de atos de escrever não-alienados é necessário compreender como o uso de determinadas metodologias podem incluir, na cultura escrita, as crianças que ainda não sabem escrever textos nos anos finais do Ensino Fundamental.

Vocês verão, na próxima seção, como algumas crianças superaram suas dificuldades de elaboração verbal escrita a partir de propostas em situações reais de trocas verbais escritas. Elas aprenderam a selecionar os gêneros dos enunciados, os interlocutores e os suportes que lhes interessavam. Ao protagonizarem esse processo, se apropriaram desses instrumentos culturais. No campo das proposições de atos de escrita para os adolescentes, Bajard (1999, p. 107) aconselha que se faça uso das novas tecnologias e dos suportes digitais, porque “à medida que os instrumentos se modificam, as funções da escrita evoluem, desencadeiam outras práticas, forjam outros conceitos”.

As experiências em escolas, há muitas décadas, têm mostrado que a descoberta dos atos de ler e de escrever parece ser substituída por uma gama de atividades e tarefas mecânicas, sem sentido algum para as crianças, “e é exatamente nesta fase em que ouvimos dos professores e de alguns pais lamentações que já se tornaram uma espécie de jargão: meu aluno (filho) não quer nada ou meu aluno (filho) não aprende nada” (Ribeiro & Araújo, 2007, p. 166). Contudo, o que os pais e os professores precisam saber é que não há aprendizagem quando não há sentido naquilo que é proposto.

Vygotski (2001; 2009) e Bakhtin (2016) argumentam que o caminho da criança até a apropriação do objeto passa por signos. Nesse processo, ganha destaque o valor dialógico da linguagem como constituinte dos processos cognitivos, sociais e ideológicos.

Nos momentos em que ocorre a materialização de atos de escrita em situações autênticas de trocas verbais, por meio de enunciados reais,

as crianças aprendem o valor social desses atos. A apropriação dos atos de escrita flui com mais facilidade, principalmente com as crianças consideradas em processo de exclusão, por ainda não terem aprendido a escrever conforme espera a professora.

Ressaltamos que, para se desenvolver a elaboração de atos de escrita cada vez mais autônomos e críticos, são necessários conhecimentos de vários gêneros, e isso se dá por atos de leitura diversificados, mas a escolha do enunciado e sua finalidade solicita a escolha do gênero. Os materiais disponíveis para as crianças contribuem para que seus atos de escrever sejam realizados com sentido, uma vez que, desde o início, os direcionam aos interlocutores reais.

Apesar de a escolha dos gêneros enunciativos pelas crianças e pelos adolescentes nem sempre ser possível no cotidiano escolar, a autonomia da escolha pode promover o desbloqueio do sentimento de incapacidade, que caracteriza as crianças e os adolescentes no início de seus processos de aquisição de atos de escrever, uma vez que essa estratégia lhes dá um forte motivo para realizar esses atos.

O ensino e a aprendizagem de atos de escrever por meio de criações autorais em dispositivos como computador de mesa, o notebook, o tablete e o smartphone têm significado especial para as crianças e para os adolescentes, porque além de eles aprenderem a elaborar atos inseridos na corrente de trocas sociais verbais, é possível proporcionar a eles um novo ambiente de aprendizagem – o ambiente digital/virtual.

Seria necessário trazer para a escola variedades, tanto de suportes como de gêneros, que circulem socialmente, porque sempre causam efeitos benéficos, não só para a aprendizagem de conhecimentos formais da linguagem como também para a vivência de trocas sociais verbais escritas.

Além disso, com o uso das ferramentas digitais, os aspectos cognitivos e físicos relacionados aos atos de ler e de escrever são transformados, possibilitando que as crianças voltem sua atenção para a estrutura da escrita ou para aspectos gráficos não percebidos quando operavam com outros suportes de enunciado. Os aparelhos digitais tornaram-se recursos que ajudam na trajetória dos atos de escrita dos sujeitos, não apenas pelo corretor ortográfico ou pelo banco de palavras que eles possuem, mas também por disporem em seus teclados todos os caracteres, como letras, sinais gráficos e espaço em branco.

O acréscimo de novos dispositivos, como o tablete, o computador de mesa, o notebook e o smartphone, para registrar os atos de escrever, potencializa os instrumentos importantes para alfabetização. Tudo isso conjuga a reflexão e a ação sobre a linguagem no momento das criações verbais, dos conteúdos e dos aspectos formais da linguagem escrita.

Na próxima seção deste boletim, a professora indicará possibilidades de ensino de atos de escrever para crianças e adolescentes dos 4ºs, 5ºs, 6ºs e 7ºs anos do Ensino Fundamental, ainda não alfabetizadas.

Por meio da proposta de elaboração de atos de escrever que cumpram a função social para o qual foram criados; pela escolha dos gêneros enunciativos pelas crianças e pelos adolescentes de acordo com suas necessidades interacionais no momento das suas criações; pelo uso de dispositivos digitais nessas elaborações autorais, constataremos que as dificuldades de elaborar atos de escrever passam a ficar em segundo plano, porque a criação de sentidos e o Outro ocupam o lugar principal.

Sobre a apropriação da linguagem escrita, ela deve ter significado para as crianças como uma forma nova e complexa de linguagem a ser apropriada para suprir a necessidade de estabelecer trocas verbais sociais. Vigotsky (1996) chama atenção para o equívoco de apresentar a linguagem escrita para as crianças por meio de seu caráter técnico, ao começar o ensino pelo reconhecimento das letras ou pela reprodução de suas formas gráficas, porque não possibilita a escrita de nada, não expressa informação alguma,

quando, de fato, o modo de ensinar às crianças a escrita deveria direcioná-las a escrever ideias, desejos, dúvidas, questionamentos, novas informações endereçadas a um interlocutor etc. Entretanto, sem a garantia de que as crianças se expressem por meio da escrita, seu ensino limita-se apenas ao seu aspecto superficial – ao exercício de desenhar as letras.

Sendo o desenvolvimento humano um processo dialético complexo que envolve fatores internos e externos, a intervenção educativa provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente e proporciona processos de ensino e de aprendizagem de conhecimentos formais, científicos e da cultura letrada para as crianças. Além disso, a cooperação desperta a conduta autônoma e o desenvolvimento de relações sociais.

Referências

- BAJARD, Élie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1999.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovich. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- RIBEIRO, Márcia Maria; ARAÚJO, Júlio César. “Pronto tia, eu já escrevi o site do ‘rotineio’. Agora é só apertar o enter?” o endereço eletrônico na sala de aula. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 165-178.
- VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

COMO ALFABETIZAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO 4º AO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Por Érika Christina Kohle

A partir da proposta de alfabetização com gêneros de enunciados, já desenvolvida em sala de aula desde o ano de 2012, socializo possibilidades de ensino de atos de escrever para crianças e adolescentes dos 4ºs, 5ºs 6ºs e 7ºs anos do Ensino Fundamental, que, infelizmente, não foram alfabetizados. As propostas de alfabetização abordadas em sala de aula foram: o ensino da linguagem por meio dos gêneros enunciativos e dos temas dos enunciados escolhidos pelas próprias crianças autoras, o uso dos suportes digitais e suas ferramentas para o ensino dos atos de escrita, a valorização das contribuições dos diálogos entre professor e crianças no processo de ensino e de aprendizagem dos atos de escrita em sala de aula.

1º Passo - A escolha dos gêneros do enunciado pelas crianças ou pelos adolescentes

Para que os atos de escrita não acontecessem de forma alienada, proporcionei tais criações por meio do estudo dos gêneros do enunciado, tendo em vista a projeção de um enunciado com a visão final do que desejavam elaborar. Por meio da pesquisa e do estudo de gêneros enunciativos foram apropriadas maneiras de concretizar essa criação considerando as escolhas dos estudantes, pois, nesse processo, são as suas vozes que estarão presentes nos enunciados – suas criações verbais escritas – que são elaboradas com o acabamento linguístico necessário à publicação e/ou à resposta do interlocutor.

2º Passo - O uso de suportes digitais de enunciados escritos

Proporcionei às crianças e aos adolescentes a possibilidade de criação de atos de escrita em suportes digitais. Tais recursos tiveram significados especiais para eles, pois além de aprenderem a elaborar atos de escrita de gêneros enunciativos de sua escolha, foi possível proporcionar-lhes um novo ambiente de aprendizagem – o ambiente digital, e novos modos de socialização e de publicação de seus enunciados presentes nos suportes digitais. Ficou evidente que os aparelhos digitais tornaram-se recursos que ajudaram na aprendizagem dos atos de escrever dos sujeitos, não apenas pelas possibilidades proporcionadas pelo corretor ortográfico do aplicativo editor de textos, nem tão somente pelas possibilidades de pesquisa de exemplos de enunciados em estudo já publicados na web, ou, ainda, pelo banco de palavras que elas já possuem, mas também por disponibilizarem em seus teclados todos os caracteres como possibilidades para a materialização enunciativa das crianças, um recurso muito mais completo que o alfabeto móvel.

3º Passo – Interações entre professor e crianças ou adolescentes

As elaborações com ajuda, a revisão e a reescrita de enunciados são fundamentais para que as crianças e para que os adolescentes reconheçam não só as características dos gêneros do enunciado, como também os padrões e normas da variedade linguística eleita para a escrita de seu texto. Como professora, auxiliei as crianças e os adolescentes nesses processos, conduzindo-os na elaboração de criações verbais escritas de modo cada vez mais autônomo. A seguir, observa-se o processo de elaboração de um bilhete de Betânia para sua mãe.

Primeira versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria **te** agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito você e a minha irmãzinha te amo eu acho o nome da Bianca bem bonito quero pega ela no colo de novo . beija , beija ela tanto que eu não vejo a hora de embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho .

Em seguida, disse a ela que o pronome “te” poderia ser suprimido de seu enunciado, pois já havia a expressão “a você” que se referia a sua mãe. E, que, além disso, se deixasse tal pronome se configuraria um pleonasma, ou seja, o excesso de palavras para emitir um mesmo significado num enunciado. Imediatamente, Betânia optou por retirar o pronome “te”.

Mãe,

eu **queria agradecer a você** por me dar uma irmãzinha que eu amo muito você e a minha irmãzinha te amo eu acho o nome da Bianca bem bonito quero pega ela no colo de novo beija , beija ela tanto que eu não vejo a hora de embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho .

Então, foi esclarecido que precisava separar as ideias presentes em seu bilhete, para que ele fosse compreendido por sua interlocutora. A partir daí foram buscadas alternativas para isso.

Pesquisadora: - E agora? O que pretende fazer?

Betânia: - Acho que vou separar aqui! (E aponta o espaço antes da palavra “você”).

Pesquisadora: - Como vai separá-las?

Betânia: - Com um ponto. Pode ser?

Pesquisadora: - Pode.

Terceira versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito.

Você e a minha irmãzinha te amo eu acho o nome da Bianca bem bonito quero pega ela no colo de novo. beija, beija ela tanto que eu não vejo a hora de embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho.

Nesse momento, Betânia já sabia que não se usa o pronome “te” junto a palavra “você”, pois isso já havia sido explicado anteriormente. Então, a questioneei em relação a esse uso e ela optou por retirá-lo desse trecho. Para isso, posicionou o verbo no começo de sua oração, pois contou que conhecia a expressão “Amo você”.

Quarta versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito.

Amo você e a minha irmãzinha, eu acho o nome da Bianca bem bonito quero pega e no colo de novo. beija, beija ela tanto que eu não vejo a hora de embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho.

Betânia separou a sentença seguinte com uma vírgula, e a ela foi explicado que a expressão “pega ela” não estava de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, que diz que apenas os pronomes do caso oblíquo podem funcionar como objetos.

Por meio de exemplos e com a ajuda de quadro com os pronomes, suas funções com exemplos, ela compreendeu que o correto seria: “pegá-la”

Pesquisadora: - Então, de que forma fica correta?

Betânia: - Pegá-la.

Pesquisadora: - Achou complicado?

Betânia: - Um pouco, mas a professora vive falando assim.

Pesquisadora: - A sua professora de Língua Portuguesa?

Betânia: - É.

Quinta versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito.

Amo você e a minha irmãzinha, eu acho o nome da Bianca bem bonito, e quero pegá-la no colo de novo. beija, beija ela tanto que eu não vejo a hora de embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho.

Na sequência, retomei a explicação de que o mesmo que ocorreu com o verbo “pegar” e com o pronome do caso oblíquo “la”, formando a expressão pegá-la, deveria ocorrer com o verbo “beijar”.

Pesquisadora: - Terá que fazer a mesma coisa que fez o verbo pegar, “pegá-la”, mas agora com o verbo beijar. Então, como fica?

Betânia: - Beijá-la.

Pesquisadora: - Isso mesmo!

Sexta versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito.

Amo você e a minha irmãzinha, inclusive, eu acho o nome da Bianca bem bonito, e quero pegá-la no colo de novo e beijá-la tanto que eu não vejo a hora de ir embora para vê ló e quando ela crescer será que ela vai dar trabalho.

Como já estava se familiarizando com o processo de reescrita, ela notou rapidamente que o pronome “ló” estava incorreto e substituiu-o por “la”, pronome que já havia usado duas vezes nas sentenças anteriores. Assim, disse a ela que separasse a questão final com um ponto e que pontuasse corretamente a questão que aparece na última sentença do texto.

Betânia: - Aqui fica “la”, né? (Apontando para o “ló”)

Pesquisadora: - Sim, como pegá-la e como beijá-la.

Betânia: Separo aqui? (apontando para o espaço depois da palavra “la”)

Pesquisadora: - Melhor separar com um ponto, pois nessa sentença já têm vírgulas e “e” separando as informações.

Betânia: - Então, minha pergunta vai ficar separada?

Pesquisadora: - Sim, por falar nisso, como devemos pontuar uma pergunta?

Betânia: - Com o ponto de interrogação.

Sétima versão do bilhete de Betânia

Mãe,

eu queria agradecer a você por me dar uma irmãzinha que eu amo muito.

Amo você e a minha irmãzinha, inclusive, eu acho o nome da Bianca bem bonito, e quero pegá-la no colo de novo e beijá-la tanto que eu não vejo a hora de ir embora para vê-la. Quando ela crescer, será que ela vai dar trabalho?

Nos momentos em que ocorrem situações autênticas de escrita, em contextos interativos, por meio dos signos, as crianças aprendem o valor social dos atos de escrever. E, assim, a apropriação da escrita flui com mais facilidade, significado e sentido, mesmo para crianças e adolescentes que apresentam dificuldades em se alfabetizar.

Referência

KOHLE, É. C. *A aprendizagem da escrita no ensino fundamental II com o auxílio de suportes digitais*. Dissertação. Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – UNESP – Campus de Marília. 2016.

COMPARTILHANDO IDEIAS

Os primeiros encontros entre professoras e crianças no início do ano são importantes para mutuamente se conhecerem. São, para as crianças, o tempo e o lugar para alguns continuarem ou para outros ingressarem no mundo cultura escrita. A proposta didática “Descoberta do nome” proposta por Bajard (2012) pode ser a porta entrada em uma comunidade letrada. São nove passos metodologicamente bem detalhados que o autor nos apresenta. Aqui faço um apanhado geral da proposta e deixo o convite para a leitura do material completo. Vejamos algumas etapas do trabalho proposto pelo autor:

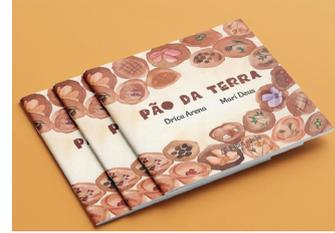
1º passo: Cerimônia de entrega do crachá. A criança recebe o crachá com uma foto de identificação e a forma visual/escrita do seu nome. Várias atividades podem ser desenvolvidas com ele, como brincadeiras e cirandas.

2º passo: Troca do crachá por uma filipeta com uma figura como avatar e, em seguida, sem o avatar. É possível, ainda, realizar quebra-cabeças e dominós nos quais as filipetas são separadas por pequenos espaços; letra-dominó: a professora constrói um dominó de papelão para cada letra do nome de uma criança e de alguns colegas; baú das letras: a professora constrói um baú para que as crianças guardem os dominós com as letras do seu nome. Neste caso, a reconstituição do nome sem o modelo se torna o primeiro ato de escrita. Pelo fato de a criança reconhecer seu nome ao “bater os olhos” e saber recompô-lo sem modelo, ela aprende a reconhecer também o nome do colega. Em todas as atividades, a professora precisa trabalhar as diferenças entre os caracteres que compõem cada nome (letras maiúsculas e minúsculas, acentuação etc.). Há muito mais sugestões no livro de Bajard.



BAJARD, Élie. *A descoberta da Língua escrita*. São Paulo: Cortez, 2012.

LITERATURA NA RODA



Indicação
Pão da terra

O livro feito por Maria Aurora e Mari Deus, e
é tem desenhado e escrito. Ele começa
falando de um ano e mês extremamente pobres, de pais que
um homem passando fome, pedindo comida, mas ninguém dá a
ele.

O livro dá a entender que temos que agradecer tudo
o que temos, já que há pessoas que sabem em ter aquilo.
Então se você conseguir ajuda é possível.

Gabriel Duarte Silva 22/12/2023

Indicação literária realizada por Gabriel Duarte Silva, de 10 anos, residente em Uberlândia/MG.

DIÁLOGO COM LEITORES

Um dos trabalhos que me chamou a atenção no site do NAHum foi o texto publicado na seção “Vozes de casa” intitulado “Desafios e conquistas do processo de alfabetização em casa, na pandemia”. Muitas famílias se tornaram responsáveis por apoiar o aprendizado das crianças. Ensinar as crianças a ler e a escrever se tornou um desafio maior, frente ao contexto social e pandêmico. Os pais precisaram se adaptar às novas formas de ensino. A falta do contato direto com os professores e colegas trouxe desafios extras, pois as famílias precisaram assumir um papel mais ativo no desenvolvimento da alfabetização. A leitura do texto de uma mãe brasileira me tocou porque, na condição de estudante de doutorado no Brasil, pude compreender como as relações família e escola devem ser aprofundadas: não cabe à família assumir apenas o papel de verificar se os filhos fizeram ou não a tarefa escolar; é necessário estreitar os laços pedagógicos e culturais que unem família e escola. Espero levar essa experiência relatada para meu país, o Timor Leste.

Natália Ximenes Pereira - Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação FAGED/UFU. Bolsista de intercâmbio Timor-Leste.